



Uma análise dos sinais da convencionalização dos mercados de orgânicos no Brasil

An evaluation of the conventionalization signs of organic markets in Brazil

Lillian BASTIAN^{1*}, Paulo Dabdab WAQUIL¹.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

* E-mail de contato: lillianbastian12@gmail.com

Artigo recebido em 7 de maio de 2019, versão final aceita em 27 de fevereiro de 2020, publicado em 11 de maio de 2020.

RESUMO: Neste artigo é feita uma análise acerca da interdependência entre variáveis que indicam o processo de convencionalização dos mercados de orgânicos. Esta correlação acontece também entre estas variáveis, os mercados de alimentos e insumos e as normas que regulamentam os produtos com esta qualidade. O objetivo do artigo é analisar o processo de convencionalização dos mercados de orgânicos a partir da observação destas interdependências. Os dados foram gerados usando-se de metodologia qualitativa, por meio de uma amostra por conveniência com agricultores e profissionais de assistência técnica dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais. Alguns dos sinais da convencionalização foram interpretados como sendo uma situação transitória e/ou desencadeados pelos mercados de orgânicos, tais como a baixa oferta de insumos com a qualidade orgânica. Assim como foram identificados sinais da convencionalização que não foram pautados por outras bibliografias, indicando a relevância de uma abordagem abrangente para compreender o processo de convencionalização dos mercados de orgânicos.

Palavras-chave: sinais da convencionalização; mercados de orgânicos; agricultores; interdependência de variáveis.

ABSTRACT: In this article an analysis is conducted on the interdependence of variables that indicate the process of organic market conventionalization. This correlation also happens between these variables and the food and inputs markets and the standards that control the products with the organic quality. The objective of the paper is to analyze the process of organic markets conventionalization from the observation of these interdependencies. The data was generated through a qualitative methodology with a convenience sample, including farmers and technicians from five states: São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Therefore, some conventionalization signs were interpreted as a temporary situation and/or triggered by the organic

markets such as low supply of inputs with the organic quality. Also, conventionalization signs were identified which were not listed by other biographies, indicating the relevance of a comprehensive approach in order to understand the conventionalization process of organic markets.

Keywords: conventionalization signs; organic markets; farmers; interdependence of variables.

1. Introdução

A convencionalização de orgânicos é descrita pela literatura como um processo em que a agricultura orgânica passa a apresentar padrões operacionais e organizacionais semelhantes ou iguais aos encontrados na agricultura agroquímica (Buck *et al.*, 1997; Guthman, 2004; Almeida & Abreu, 2009; Niederle & Almeida, 2013). Dentre essas semelhanças, destaca-se: a dependência externa de insumos, a especialização produtiva, o excesso de nitrato no solo, a ausência de preocupação quanto à origem (convencional ou orgânica) dos insumos, a intensificação de capital e a substituição de trabalho manual pelo mecanizado. Obviamente que este processo de convencionalização está associado à expansão das últimas décadas nos mercados de orgânicos (Idec, 2010; MAPA, 2015; MAPA, 2019).

Embora haja literatura que conceba que existem fatores externos às unidades produtivas provocadores deste processo (Darnhofer, 2006), desconhecem-se investigações que tenham incluído nas suas pesquisas demais atores além dos agricultores (Coombes & Campbell, 1998; Hall & Mogyoróby, 2001; Wit & Verhoog, 2007; Rover & Lampa, 2013). Nesse panorama, é salutar compreender que os agricultores estão imersos em um contexto maior que os pressiona de distintas formas, fazendo com que adotem determinadas direções. Dentre as pressões exercidas pelo contexto, estão as de demanda e oferta, que os conduzem a produzir distintos

portfólios de alimentos e a adotar insumos e assistência técnica; e as regulativas (legislação), que delimitam, dentre outras coisas, materiais e produtos permissíveis e normas de certificação.

Se o contexto é determinante de ações e práticas, torna-se indispensável que esse contexto seja considerado nas investigações sobre o tema, para uma mais acertada compreensão deste fenômeno. Desse modo, neste artigo adota-se uma nomenclatura distinta para referir-se a este processo, denominando-o de convencionalização dos mercados de orgânicos, e não somente como convencionalização de orgânicos.

Outro aspecto importante desse processo relaciona-se com as variáveis utilizadas para defini-lo. É sabido que determinados fatores das unidades produtivas precisam ser analisados observando-se outros aspectos que podem influenciá-los. Por exemplo, a especialização ou a diversificação produtiva são determinadas pelos canais de comercialização acessados pelos agricultores (Jandrey *et al.*, 2017). A especialização ainda depende das características naturais da unidade produtiva. Além disso, a adoção de insumos externos e o tipo de insumo a ser usado dependem da existência de oferta destes produtos. Por sua vez, o tempo decorrido desde a conversão orgânica é decisivo para a quantidade de insumos usados.

Estes outros aspectos denotam uma complexidade inerente às decisões acerca de qual atividade agrícola seguir e de como fazer o manejo da unidade

produtiva. Desse modo, o processo de convencionalização dos mercados de orgânicos deve ser explicado a partir de uma abordagem que busque encontrar explicações para estas variáveis entrelaçadas com a convencionalização. Tomando isto como um pressuposto, no presente artigo tem-se como objetivo analisar o processo de convencionalização dos mercados de orgânicos entre agricultores da região meridional brasileira a partir da observação da interdependência das variáveis que indicam a convencionalização. Destaca-se que, a partir dessa análise com um conjunto maior de variáveis, será possível diferenciar os sinais que indicam a convencionalização daqueles que também poderiam indicar este processo, porém são transitórios. Por exemplo, para compreender a dependência externa de insumos, deve-se considerar o período desde o qual ocorreu a conversão. Em unidades de produção diversificadas em que o período desde a certificação é curto, pode existir dependência externa de insumos, que pode reduzir-se conforme o agroecossistema se torna hábil em reciclar nutrientes.

Para adicionar justificativas à pertinência deste artigo, destaca-se que a natureza do processo de convencionalização dos mercados de orgânicos concatena-se com a introdução de itens de natureza orgânica no sistema agroalimentar convencional. Esta introdução modifica o setor de orgânicos porque os atores do sistema agroalimentar percebem os orgânicos como um nicho lucrativo. Desse modo, alguns dos princípios fundamentais da agricultura orgânica, como o da justiça, podem desaparecer das relações sociais que permeiam as trocas desses itens. É importante que essas modificações sejam desveladas. Assim como as características inerentes a esse processo, porque essas lógicas e o poder de influência do sistema agroalimentar nos mercados

provocam impactos nas redes alimentares alternativas dos agricultores. Alguns dos impactos podem ser: a redução da autonomia, a introdução dos agricultores em regimes de integração e a restrição das possibilidades de comercialização (Bastian & Waquil, 2019).

Estruturalmente este artigo está dividido em cinco partes. A primeira seção é esta introdução. Na sequência, apresenta-se revisão da bibliografia sobre a convencionalização dos mercados de orgânicos. Em seção seguinte, consta a metodologia em que se citam as técnicas utilizadas, a abrangência geográfica e as variáveis, dentre outros aspectos. Após estas três seções são trazidos os resultados. Nessa parte, primeiramente são abordados os sinais da convencionalização dos orgânicos. E em um segundo momento, os sinais são interpretados considerando sua interrelação com outras variáveis e fatores explicativos dos mesmos. Por último, são expostas algumas considerações finais.

2. O processo de convencionalização dos mercados de orgânicos

A convencionalização dos mercados de orgânicos caracteriza-se pela presença, em determinados contextos, de alguns padrões de organização e operação semelhantes aos verificados na agricultura agroquímica conhecida como agricultura convencional. A discussão acadêmica acerca do processo de convencionalização dos mercados de orgânicos se iniciou com a publicação de Buck *et al.* (1997), reportando-se ao verificado em contexto da Califórnia, Estados Unidos. Ao analisarem o mercado das hortaliças orgânicas, verificaram que havia contratação de trabalho migrante, uso de mecani-

zação no pós-colheita e a aquisição de insumos de empresas especializadas na produção dos mesmos. Naquela região existiam produtores pequenos com diversidade nos cultivos, produtores médios com aproximadamente cinco cultivos diferentes e grandes produtores especializados. Ressaltaram que os grandes produtores tinham controle sobre o atacado influenciando os mercados dos outros agricultores.

Essa publicação foi o estopim que provocou outras pesquisas em diferentes contextos em nível planetário. Muitos pesquisadores desejaram conhecer se o processo de convencionalização se manifestava em regiões específicas dos países de seus interesses (Coombes & Campbell, 1998; Hall & Mogyoroby, 2001; Wit & Verhoog, 2007; Best, 2008; Almeida & Abreu, 2009; Oelofse *et al.*, 2011; Candiotto & Meira, 2014).

Destaca-se que o conceito de agricultura orgânica adotado neste artigo é o da Federação Internacional dos Movimentos da Agricultura Orgânica (IFOAM, 2005). Este conceito é amplo, abrangendo os princípios de saúde, ecologia, justiça e precaução, concebendo bem-estar de pessoas e ecossistemas, e relações éticas.

Cada uma das investigações em nível planetário sobre a convencionalização dos mercados de orgânicos retratou um processo particular. Na Nova Zelândia, Coombes & Campbell (1998) chegaram à conclusão de que não havia marginalização de pequenos agricultores por grandes produtores. Alguns grandes produtores vendiam para o exterior, em oposição a pequenos agricultores que acessavam o comércio local. Nesse país, esses distintos estilos de agricultura não atuavam negativamente um sobre o outro.

Em Ontário, no Canadá, Hall & Mogyoroby (2001) identificaram que novos produtores orgânicos

têm maior probabilidade de aumentar o tamanho de seus cultivos e creem que o sucesso na produção de orgânicos está vinculado a essa expansão. Grandes produtores que acessavam mercados longínquos e pequenos agricultores que vendiam localmente tinham dinâmicas distintas, e um não afetava o outro, tal qual observado para a Nova Zelândia. Além disso, havia pouca contratação de trabalhadores migrantes e influência das grandes redes varejistas nos mercados. Entretanto, existia contradição entre as percepções de agricultura orgânica e as práticas adotadas. Ou seja, as percepções indicavam alto vínculo com o movimento e os princípios de agricultura orgânica, enquanto que decisões práticas eram tomadas a partir da observação da oscilação de preços.

Best (2008) ateu-se à realidade alemã. O autor reconhece que deve haver uma diferença entre agricultores recém-convertidos e agricultores convertidos há mais tempo. Os agricultores com menos tempo na agricultura orgânica possivelmente têm mais semelhanças com os agricultores agroquímicos. Para o autor, na Alemanha existem tendências à convencionalização, com entrada de grandes produtores especializados e um aumento de produtores sem qualquer produção animal.

No país holandês, Wit & Verhoog (2007), destacam a influência da cadeia agroalimentar convencional e a presença expressiva de insumos externos. Ao investigarem a cadeia das aves e suínos, Wit & Verhoog (2007) citam que atores a jusante da cadeia conduziram à exclusão de pequenos produtores e à especialização produtiva ao exigirem a entrega de grandes quantidades de animais e com determinadas características.

Estas são algumas das investigações acerca do processo de convencionalização dos mercados de orgânicos produzidas em contexto internacional.

Percebe-se que o processo manifesta-se de modo heterogêneo, mas apresentando alguma similaridade de acordo com o país e a região investigada. No Brasil, observam-se algumas semelhanças com as pesquisas realizadas em outros países. Almeida & Abreu (2009) destacaram que, em São Paulo, mais da metade dos agricultores consultados apresentava uma visão centrada em produtos, e não em processos. Havia especialização na produção, e os agricultores seguiam o paradigma da substituição de insumos. A natureza possuía um valor instrumental (produtivo).

Rover & Lampa (2013) empreenderam investigação em uma rede de produção e comercialização de alimentos orgânicos localizada nos três estados do Sul do Brasil. Os autores destacam que, diante da falta de coordenação interna acarretada pela expansão dessa rede e pelas modificações no regime alimentar, em alguns dos núcleos regionais observa-se o estabelecimento de relações competitivas. Essas relações acontecem em um contexto organizacional em que os núcleos regionais têm significativa autonomia para escolher as estratégias comerciais adotadas. Nesse sentido, em alguns desses núcleos, há busca por canais de comercialização distantes e centralização comercial.

Para Parra Filho *et al.* (2018), o uso de sementes de origem agroquímica na produção orgânica é uma das características da convencionalização. Essa característica deve ser acrescida ao aumento da escala, ao trabalho assalariado, ao uso de fertilizantes orgânicos de origem industrial e à comercialização por meio de grandes redes varejistas que são característica comumente associada à convencionalização. A produção de sementes orgânicas pode apresentar práticas convencionalizadas quando existem técnicas e formas de organização social similares ao sistema

agroalimentar agroquímico e quando grandes empresas sementeiras são predominantes.

Outra característica da convencionalização no Brasil é o aumento no número de intermediários entre produtores e consumidores (Viegas *et al.*, 2017; Bastian & Waquil, 2019). Este novo cenário dos mercados de orgânicos pode conter atores dominantes. Especialmente, agroindústrias, atacadistas e varejistas.

O escoamento da produção por meio de redes varejistas determina o portfólio de itens produzidos pelos agricultores. Conforme Tovar *et al.* (2005), os distintos canais de comercialização dos produtos orgânicos são capazes de determinar a natureza da atividade orgânica na propriedade onde elas ocorrem. Apresentam-se mais especializados agricultores que vendem para redes varejistas. E mais diversificados agricultores que vendem diretamente ao consumidor.

Destaca-se que a especialização produtiva conduz à ruptura dos princípios valorativos que sustentam a agricultura orgânica fundamentados na complementariedade entre a exploração animal e vegetal e na diversificação de produções com vistas a melhor gerir os problemas adventícios (Brandenburg, 2002; Niederle & Almeida, 2013). Segundo Altieri & Nicholls (2003), quando os cultivos orgânicos são sistemas simples (monocultivos), a regulação natural, ou seja, a capacidade do sistema de produção orgânico de gerar seus próprios mecanismos de manutenção do “equilíbrio” do agroecossistema fica prejudicada. Assim, são necessários insumos externos para subsidiar funções de controle de pragas e de fertilidade do solo. Ou seja, a especialização produtiva na agricultura orgânica está relacionada com a dependência externa dos insumos.

Na realidade brasileira, a agricultura familiar é a principal ofertante de alimentos orgânicos. De acordo

com IBGE (2006), 80% dos produtores de orgânicos são dessa categoria. Apesar desse quadro, Niederle & Almeida (2013) destacam que, nos últimos anos, é notória a incursão de agricultores patronais no segmento dos orgânicos. Mencionam que mudanças são percebidas no âmbito da produção, com participação crescente de empresas privadas, mas também em outros segmentos da cadeia. São sinais a proliferação de organismos de certificação, o reposicionamento de mediadores políticos e a criação de entidades. Para Niederle & Almeida (2013), o principal elemento a destacar é o aumento da participação de grandes redes varejistas na distribuição e comercialização dos orgânicos.

Em Niederle (2014, p. 182), a convencionalização é a apropriação de valores vinculados à agricultura orgânica “pelos atores líderes do sistema agroalimentar”. Para o autor, essa apropriação nem sempre ocorre de modo integral. Mesmo que alguns desses atores incorporem discursos e, em alguma medida, métodos de produção, beneficiamento e comercialização vinculados à agricultura orgânica, isso não necessariamente está relacionado com práticas de preço e condições justas junto aos fornecedores de insumos, por exemplo. Para Candiotto & Meira (2014, p. 24), a convencionalização é tanto a subordinação ao regime de produção dominante como a opção dos produtores de orgânicos por estratégias produtivas de substituição de insumos e que se baseiam na mesma lógica da agricultura convencional.

Parra Filho *et al.* (2018) citam a bifurcação nos mercados de orgânicos. Essa bifurcação remete à existência de uma produção de base ecológica que segue a ideologia dos “pioneiros” da agricultura orgânica e de outra produção de base ecológica fortemente orientada pelo mercado. No Brasil, esta

divisão está segmentada pelos rótulos de agricultura orgânica e agroecologia.

Assim como esses autores, há um conjunto de outros autores, dentre eles, Ramos & Storel (2001), Caporal & Costabeber (2004) e Candiotto & Meira (2014), que salientam a bifurcação existente nos mercados de orgânicos atrelada às distintas ideologias seguidas pelos agricultores. Entretanto, é necessário esclarecer que essas distintas formas de engajamento com a agricultura orgânica não são estanques. Os agricultores mesclam, de diferentes formas, características de ambos os modos de engajamento.

Na mesma direção, Darnhofer (2006, p. 157) aponta que as mudanças na agricultura orgânica concernentes ao processo de convencionalização são aquelas em que se observa alteração dos princípios da agricultura orgânica. Neste caso, “os valores da agricultura orgânica são instrumentalizados como uma estratégia de mercado”. Considerando-se estas mudanças, a autora sugere que as práticas dos agricultores devem ser investigadas a partir de um enfoque holístico.

Para Darnhofer *et al.* (2009), é difícil definir a convencionalização somente pelas práticas empregadas nas propriedades rurais. É necessária uma análise que conjugue essas práticas com os tipos de propriedades (tempo integral, parcial, grau de diversificação de culturas, tempo de conversão) e canais de comercialização, mas sem usar dados agregados.

Nesse sentido, Darnhofer *et al.* (2009) apontam que os sinais da convencionalização de orgânicos não podem ser analisados de modo isolado. Para os autores, é salutar nas investigações sobre a convencionalização considerar o contexto mais amplo no qual as alterações nos mercados de orgânicos estão enraizadas, exercendo influência sobre os agricultores.

3. Metodologia

A metodologia usada neste artigo é qualitativa. Agricultores familiares e não familiares¹ e agentes de extensão rural foram consultados por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais. Na entrevista semiestruturada, segue-se um roteiro de tópicos e questões. Nessa modalidade de entrevista, novos questionamentos podem ser formulados, a depender do andamento da entrevista. São entrevistas desenvolvidas de forma mais espontânea, e não predeterminam as respostas a serem obtidas. A entrevista é definida por Gil (2011, p. 117) “como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe faz perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Conforme Gil (2011), as entrevistas informais quando realizadas com atores-chave se diferenciam de uma simples conversa por ser instrumento de coleta de dados.

Além destes dois instrumentos de coleta e geração de dados, a observação e o diário de campo também foram amplamente utilizados. Segundo Angrosino (2009), a observação concebe que aspectos não considerados nas entrevistas semiestruturadas ou conversas informais podem ser considerados para compreender o fenômeno em questão. A partir das observações é que surge o diário de campo. As anotações provenientes da observação, quando

elaboradas de modo a descrever a realidade em que ocorreu determinado fato, e o conteúdo desse fato, de modo fidedigno às palavras, gestos e expressões observadas, denominam-se de diário de campo.

Por sua vez, a amostra desta pesquisa é não probabilística e por conveniência, pois é definida com base em critérios previamente escolhidos em que se compreende que os atores selecionados para a pesquisa são capazes de expressar como ocorre o fenômeno investigado (Gil, 2011).

Destaca-se que foram consultados 28 atores. Destes, os agricultores enumerados de 1 a 12 responderam ao roteiro de tópicos e questões. Outros 10 agricultores, enumerados do 13 ao 22, foram entrevistados por meio de conversas informais que foram registradas no diário de campo. Outros seis atores consultados eram técnicos de extensão rural. Destaca-se que, além dos dados primários, nesta pesquisa valeu-se também de dados secundários. Os atores consultados localizam-se em 19 municípios de cinco estados da região meridional brasileira: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais² (Figura 1).

Retornando da coleta de dados, iniciou-se uma nova fase de transcrição das entrevistas e inserção destas e do diário de campo no *software* Nvivo. A partir da análise de conteúdo, foi feita codificação destes documentos. As variáveis codificadas foram as que constam na Tabela 1 abaixo.

¹ A definição dos agricultores como familiares ou não familiares baseou-se na distinção entre estas categorias exposta na Lei 11.326/2006.

² Os estados e municípios foram definidos observando-se a lei da regularidade estatística nas amostragens. Conforme Gil (2011, p. 90), “um conjunto n de unidades tomadas ao acaso de um conjunto N terá provavelmente as características do grupo maior”. Outros critérios que conduziram a escolha destes estados e municípios foram: conhecimento prévio, proximidade geográfica, indicação e observância de uma proporção dentre as classes consideradas (agricultor familiar e não familiar, tempo deste à conversão, tipo de certificação) (Gil, 2011).

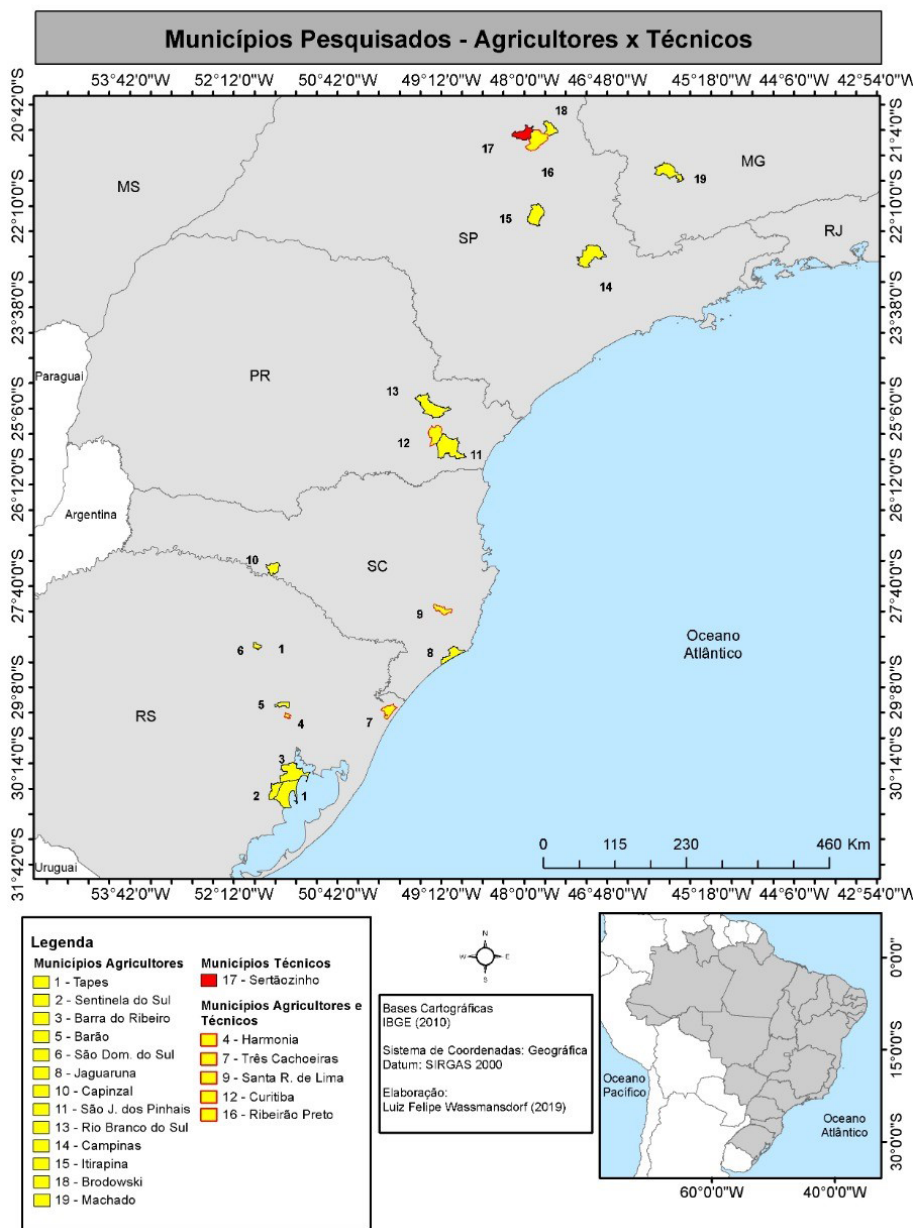


FIGURA 1 – Municípios incluídos na investigação.

FONTE: Elaboração Felipe Wassmansdorf (2019).

TABELA 1 – Variáveis e respectiva descrição das mesmas.

Variáveis	Descrição
Concepção de agricultura orgânica	Percepção.
Trajectoria na agricultura orgânica	Como conheceu, Motivos para a transição, Tempo em que esteve em transição, Quem acompanhou/orientou, Conversão total ou parcial; Mudanças empreendidas desde a transição até os dias atuais.
Diversificação/especialização	Número de culturas e criações*.
Natureza dos insumos	Orgânica, Convencional, Convencional e Orgânica.
Dependência externa de insumos	Baixa dependência, Dependência**.
Origem dos insumos	Local, Regional, Local e regional.
Magnitude da integralização da agricultura orgânica as unidades produtivas	Redesenho de agroecossistemas, Substituição de insumos.
Origem e adoção de tecnologias	Certificadoras, Órgãos públicos, Organizações sociais, Parceiros, Própria, Empresas privadas, Produtos industrializados e/ou artesanais.
Canais de comercialização	Redes varejistas e atacadistas, Mercado Institucional, Venda direta, Lojas especializadas, Exportação, Intermediário.

FONTE: elaboração própria, 2020.

* Considerou-se como especializado o agricultor que cultiva até três culturas comerciais em que a criação de animais é ausente. Diversificado é o agricultor com mais de três destas culturas com criação complementar de animais.

** Considera-se agricultor orgânico com dependência de insumos o agricultor que busca de forma constante externamente a sua propriedade pela maioria dos seguintes itens: materiais, sementes, mudas, animais, filhotes de animais, adubos, biofertilizantes e defensivos naturais. O que demonstra baixa autossuficiência de insumos.

Destaca-se que algumas variáveis são abordadas analisando-se os 12 agricultores cujas respostas foram gravadas e que ocorreram com o auxílio do roteiro, dado que estas variáveis exigiram maiores detalhes que não foram registrados no diário de campo. Este é o caso da variável magnitude da integralização da agricultura orgânica às propriedades que exigiu o conhecimento de um número significativo de aspectos. Os dados construídos por meio de conversas informais foram utilizados certificando os achados por meio de entrevistas.

4. Os sinais da convencionalização dos mercados de orgânicos dentre os agricultores na região meridional brasileira

Nesta parte do artigo serão expostos os sinais da convencionalização dos mercados de orgânicos encontrados entre os agricultores. Inicia-se pela exposição dos sinais da convencionalização. Na sequência estes sinais são analisados a partir de uma abordagem que observa a interdependência entre as variáveis, e destas com os mercados, normas e ambiente.

4.1. Perfis e sinais da convencionalização dos mercados de orgânicos encontrados entre os agricultores

A concepção de agricultura orgânica é um elemento importante do perfil. A identificação da percepção de agricultura orgânica segue orientações teóricas como as de Ramos & Storel (2001) e Caporal & Costabeber (2004). Estes autores identificaram que existem agricultores que seguem ideologias dos pioneiros em agricultura orgânica e agricultores que se orientam pelas tendências de mercado. Apesar destas distintas “agriculturas orgânicas”, na prática, os agricultores podem expressar intenções de ambas as concepções.

Existem agricultores que expressaram com mais intensidade a noção de agricultura orgânica enquanto filosofia de vida relacionada com o movimento dos pioneiros na agricultura orgânica em que princípios de cuidado e zelo pelo ambiente são essenciais. Estes agricultores apresentam alguns traços. Tiveram um ingresso na agricultura orgânica gradual em que seus conhecimentos sobre a mesma foram sendo construídos gradativamente de acordo com suas experiências e trocas com outros agricultores. A agricultura orgânica é concebida como uma forma de se relacionar com parceiros agricultores e que possibilita o convívio em sociedade. Os alimentos são destacados como mais saudáveis e saborosos. Existem relatos de envenenamentos, trabalho em condições inadequadas e relações injustas com companhias de tabaco. De modo oposto, os agricultores que migraram para a agricultura orgânica motivados pelo interesse econômico apresentaram como justificativas a utilização de ativos ociosos, a rentabilidade, a utilização de tempo livre e a ocu-

pação profissional, conciliadas com a percepção da expansão dos mercados de orgânicos.

Uma variável interessante de se conhecer é a trajetória destes agricultores na agricultura orgânica. Percebe-se que a trajetória apresenta distintos cursos para cada um dos entrevistados. Com intenção de visualizar variações nos sistemas produtivos que aleguem direcionamentos para a especialização, aumento da dependência externa de insumos e/ou simplificação do manejo, averiguaram-se as mudanças empreendidas nos sistemas produtivos desde a certificação orgânica.

Os resultados encontrados foram: simplificação de práticas de manejo; adoção e invenção de tecnologias; aumento da mecanização; aumento na área; contratação de pessoal; aumento, diminuição, e/ou rearranjo na variedade e portfólio de culturas; aumento na quantidade produzida e na produtividade; e redução ou aumento no uso de insumos externos à propriedade.

Percebe-se que a proporção convertida das unidades produtivas não está relacionada com o período ao longo do qual os agricultores são certificados. Dado que um dos agricultores com maior tempo de certificação ainda apresenta conversão parcial. O que denota para a existência de outras variáveis envolvidas nessa decisão acerca da conversão total ou parcial, tais como os custos da certificação.

Com relação às variáveis relacionadas com os sinais da convencionalização, aponta-se em um primeiro momento o número de culturas de cada unidade produtiva. Dos 22 agricultores consultados, 77% eram diversificados. Uma porcentagem aproximada se repete para a variável natureza dos insumos usados na produção orgânica e dependência externa destes insumos. Ressalta-se que 73% dos agricultores usam insumos mistos, tanto de

procedência orgânica como não orgânica, e 77% possuem dependência de insumos externos. Há um equilíbrio no número de agricultores que adquirem insumos da região e aqueles que adquirem insumos regionais e também de outras regiões ou países. Estes números são apresentados na Figura 2 localizada logo abaixo.

Outra variável importante é a magnitude de integralização da agricultura orgânica às propriedades. Essa magnitude relaciona-se com diferentes práticas adotadas pelos agricultores. Observando-se tais práticas, é possível descobrir de qual dos paradigmas os agricultores mais se aproximam, se do redesenho de agroecossistemas ou da substituição de insumos. Para Altieri & Nicholls (2003, p. 6), a redefinição de sistemas é uma “transformação da

estrutura e funcionalidade dos agroecossistemas promovendo o manejo dirigido para aperfeiçoar os processos da ciclagem de nutrientes, acúmulo de matéria orgânica, controle biológico das pragas e produção equilibrada”. Enquanto que o manejo orgânico conforme a substituição de insumos busca obter resultados produtivos de acordo com o interesse do agricultor desconsiderando as características naturais do agroecossistema.

Essas duas correntes da agricultura orgânica encontram-se em disputa ideológica (Caporal & Costabeber, 2004; Candioto & Meira, 2014). Na Tabela 2 abaixo, de autoria de Lamine & Bellon (2009), é possível ver como cada um desses paradigmas aparece na sociologia ambiental e quais são as relações com as técnicas e as tendências de mercado.

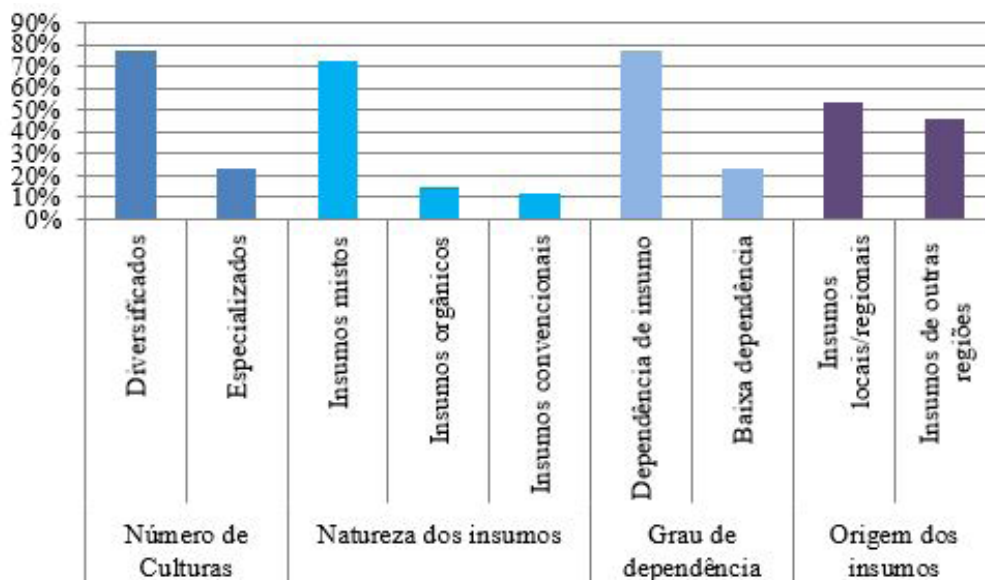


FIGURA 2 – Culturas, natureza, grau de dependência e origem dos insumos.

FONTE: elaboração própria, 2020.

TABELA 2 – Dois principais paradigmas da agricultura orgânica e suas consequências em termos de desenvolvimento.

	Correspondentes conceitos em sociologia ambiental	Relações com técnicas	Tendências de mercado
<i>Paradigma do redesenho de sistemas</i>	Ecologização	Construção de interações entre técnicas agrícolas e componentes do ecossistema.	Recomposição do mercado em direção a circuitos curtos.
<i>Paradigma da substituição de insumos</i>	Modernização ecológica	Controle direto da produção agrícola através de técnicas em um quadro de referência inalterado.	Convencionalização e <i>esverdeamento</i> dos produtos alimentares.

FONTE: Lamine & Bellon (2009, p. 11).

Uma maneira de identificar a forma como ocorre a integralização da agricultura orgânica às unidades produtivas é elencando distintas práticas adotadas pelos agricultores. Na Tabela 3 se encontram práticas da agricultura orgânica. Essas práticas estão expostas em um gradiente que inicia com práticas do paradigma de substituição de insumos e, conforme se avança pelas linhas do quadro, são citadas práticas do redesenho de agroecossistemas.

Dentre as práticas adotadas para definir o paradigma seguido pelos agricultores, aponta-se como sendo decisiva a variável *adequação dos cultivos ao microclima*. Esta variável denota para uma postura dos agricultores que optam pelas culturas mais adequadas conforme as características naturais do local, como as características do solo e a luminosidade, ou seja, há um ajustamento dos cultivos ao microclima de cada lugar. O oposto desta variável seria o uso dos insumos para melhorar as características naturais de cada agroecossistema ou microclima que são deficitários ao cultivo desejado pelo agricultor.

A partir da observação do conjunto e intensidade de práticas que são adotadas por cada agricultor, é possível visualizar dois comportamentos. Inicialmente, nota-se que quando aparecem de modo mais intenso as práticas produtivas do paradigma da

substituição de insumos, as práticas do paradigma oposto são escassas. Em um segundo comportamento, as práticas do primeiro paradigma são escassas enquanto que as do segundo são mais intensas.

Conforme a Tabela 3 abaixo é possível afirmar que cinco agricultores apresentam com mais intensidade práticas que denotam uma integralização da agricultura orgânica conforme o paradigma da substituição de insumos (colunas em cinza). Sete dos agricultores apresentam práticas que demonstram que a agricultura orgânica foi integralizada as suas unidades produtivas conforme o paradigma do redesenho de agroecossistemas (colunas em azul).

Outra variável consultada com os agricultores concatena-se com os fatores incentivadores das decisões dos agricultores quanto aos cultivos adotados. Esse é um dos elementos que desencadeia alterações nos sistemas produtivos. Conforme se verá na sequência, os argumentos usados pelos agricultores para justificar suas escolhas produtivas variam entre fatores relacionados ao ambiente, ao social, ao econômico, a demanda do mercado e a conjunção de dois desses fatores. Com relação à importância que cada um destes determinantes assume, destaca-se que a maioria dos agricultores procura escolher as culturas observando mais do que um destes fatores.

TABELA 3 – Práticas dos paradigmas da substituição de insumos e do redesenho de agroecossistemas e agricultores que as exercem.

Práticas	Agricultores que seguem o paradigma da substituição de insumos					Agricultores que seguem o paradigma do redesenho de agroecossistemas						
	3	4	5	6	9	1	2	7	8	10	11	12
Mudas convencionais*	-	-	-	✓✓	✓✓	-	-	-	-	-	-	-
Dependência de insumos externos*	✓✓✓	✓✓	✓✓✓	✓✓✓	✓✓	✓	✓	✓	✓	✓✓	✓	✓
Sementes convencionais*	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓	-	✓✓	✓✓		✓✓	-
Natureza como fator para auxiliar a produção*	✓✓	✓✓	✓✓	-	✓✓	-	✓✓	-	-	✓✓	-	-
Rotação de cultivos**	✓✓	✓✓	✓✓	-	✓✓	✓✓		✓✓	✓✓	-	✓✓	-
Elaboração de composto**	-	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	-	-	✓✓	✓✓	-	✓✓	✓✓
Natureza como parte do sistema produtivo**	✓✓	✓	-	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
Atividades animais e vegetais complementares**	-	✓✓	✓	✓	-	-	-	✓✓✓	✓✓	✓✓	✓✓✓	✓✓
Adequação dos cultivos ao microclima**	-	-	-	-	-	✓✓	✓✓	✓✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
Percepção de que a agricultura orgânica é sustentável e adequada para solução ou mitigação de questões ambientais e sociais**	-	-	-	-	-	✓✓✓	-	✓✓✓	✓✓	-	-	✓✓✓

FONTE: elaboração própria, 2020.

No quadro: ✓ = Presença com pouca intensidade; ✓✓ = Presença; ✓✓✓ = Presença com muita intensidade.

* Práticas da substituição de insumos.

** Práticas do redesenho de agroecossistemas.

No que se refere à origem e natureza das tecnologias, observou-se que, do mesmo modo, existe heterogeneidade entre os agricultores. Identificou-se que as tecnologias podem ser de distintas origens: certificadoras; organizações públicas (universidades e órgãos de assistência técnica); cooperativas e associações; parceiros e/ou amigos; própria

(agricultores autodidatas) e empresas privadas³ (indústrias). Quanto à natureza destas tecnologias, estas são desde produtos industrializados a produtos artesanais.

Uma última variável investigada que está conectada com os sinais da convencionalização remete aos canais de comercialização. Observa-se

³ Nesse caso, essas empresas podem ensinar tanto novas práticas como repassar orientações que conduzem a aquisição de insumos pelos agricultores

na Tabela 4 que a via mais apontada são as vendas diretas aos consumidores. Seguida pela venda a intermediários, lojas especializadas, venda a supermercados, exportação e, por último, vendas ao mercado institucional.

Apresentadas as variáveis indicativas do processo de convencionalização dos mercados de orgânicos entre os agricultores, no próximo item será feita uma análise das mesmas, com intenção de compreender a sua ocorrência e os fatores que podem estar desencadeando e influenciando.

TABELA 4 – Canais de comercialização adotados pelos agricultores.

Agricultores	Supermercados de redes varejistas e atacadistas	Mercado institucional	Feiras e venda direta	Lojas especializadas	Exportação	Intermediário
1		x	x	x	x	x
2	x			x		
3			x	x		x
4			x	x		x
5	x		x			
6			x			
7						x
8			x	x		x
9			x			x
10		x			x	x
11	x		x			x
12	x		x	x	x	x
13	x		x			
14	x	x	x	x		
15			x		x	x
16			x	x		x
17					x	x
18			x			
19	x	x		x		x
20	x			x		
21			x	x		
22	x		x			x
TOTAL	9	4	16	11	5	14

FONTE: Elaboração própria, 2020.

4.2. As variáveis da convencionalização analisadas conforme a interdependência

Conforme o item anterior, indica-se que os possíveis sinais da convencionalização dos mercados de orgânicos encontrados entre os agricultores são os seguintes: especialização produtiva; dependência dos insumos externos às unidades produtivas, de origem convencional e produzidos em outras regiões; adoção de tecnologias do sistema agroalimentar convencional; engajamento à agricultura orgânica conforme o interesse econômico; integralização da agricultura orgânica às unidades produtivas conforme o paradigma da substituição de insumos; trajetória na agricultura orgânica com aumento da dependência de insumos, simplificação das atividades produtivas e aumento da mecanização; orientação produtiva externa e conforme os padrões convencionais do mercado; acesso a longos canais de comercialização; e conversão parcial das unidades produtivas.

Conforme as informações expostas, percebe-se que a especialização produtiva existe entre cinco agricultores. Dois deles, agricultores 10 (Tapes) e 12 (Sentinela do Sul), situam-se em áreas de banhados, sendo a atividade rizícola a única opção de cultivo. O agricultor 2 (Três Cachoeiras) é especializado na produção de bananas em uma região de clima propício para o cultivo de banana. Nesse caso, nota-se que a especialização produtiva para venda é adotada pelo agricultor, mas nessa mesma região existem agricultores que produzem bananas em sistema agroflorestal. O agricultor 17 (Capinzal) produz monocultivo ou de soja orgânica ou de milho orgânico. O agricultor salienta que opta pela monocultura de soja ou milho por terem sido os

cultivos que melhor se adequaram às condições do local. Esse agricultor informou utilizar diferentes e grandes quantidades de adubações verdes e insumos para combater doenças e manejar ervas adventícias e outras situações impremeditadas. Por último, o agricultor 16 (Barra do Ribeiro), produz *shiitakes* em sistema tecnificado, sob um ambiente esterilizado com baixa contaminação determinando baixa dependência de insumos.

Quanto à dependência de insumos, aponta-se a dificuldade de autossuficiência de todos os materiais necessários para o cultivo orgânico, sendo que alguma dependência de insumo externo sempre haverá, pois nem todos os nutrientes e insumos necessários para a produção equilibrada estão disponíveis nos agroecossistemas. A compra de pó de rocha e sacarias é um exemplo.

Um dos grandes gargalos ainda no mercado de orgânicos é a ausência de sementes e mudas com a qualidade orgânica. Relatos dos agricultores apontam que quando produzem suas próprias sementes, seus sistemas produtivos tornam-se complexos e intensivos em trabalho manual. Devido a este fato, muitos agricultores optam por adquirir de terceiros as sementes e/ou mudas.

Grande parte dos agricultores usa adubo de peru granulado que se adaptou à plantadeira. O Agricultor 21 (São Domingos do Sul) usa um produto permitido pela certificadora para o combate de lagartas, salientando que seria interessante um secante similar ao da agricultura convencional: “*o que falta hoje é um secante que não seque o meu produto, igual é o convencional. Então hoje não tem como limpar a lavoura, a não ser a limpeza manual, depois que se plantou né*”.

Assim sendo, a dependência externa de insumos aparece entre os agricultores especializados e

para os iniciantes. A conversão recente para a agricultura orgânica é acompanhada de maior volume de insumos adquiridos externamente às propriedades. Para o Agricultor 5 (Ribeirão Preto), outra razão para obter-se insumos externamente à propriedade é a diminuição de custos de produção. A produção própria de composto demandaria a contratação de mais funcionários.

Já os insumos convencionais, como o esterco de aviário, são utilizados porque não existe no mercado a oferta de similares com certificação orgânica. O uso e o manejo são regulados pelas normas que atestam a conformidade orgânica. Por sua vez, a aquisição de insumos orgânicos produzidos em outras regiões ocorre basicamente por duas razões. Primeiro, porque não há a produção destes insumos na região ou localidade onde se encontram os agricultores, sendo a região pouco desenvolvida em termos de agricultura orgânica (Ribeirão Preto – SP, por exemplo). Segundo, porque os mesmos estão ao alcance dos agricultores em agropecuárias locais.

A aquisição de insumos em agropecuárias demonstra que os agricultores estão acessando os atores que já atuavam no segmento dos insumos, mas em um primeiro momento produzindo somente insumos para a agricultura agroquímica. A inclusão desse sinal é importante para esta investigação, porque demonstra que os agricultores, ao acessarem atores que atuam conforme as regras do sistema agroalimentar convencional, estão sujeitos a processos e lógicas similares aos empreendidos na agricultura agroquímica. Tal como o incentivo ao uso exacerbado de insumos.

Em um dos casos analisados há o cultivo de morangos suspensos (Agricultor 7, Santa Rosa de Lima). O sistema suspenso facilita a produção. A terra ou substrato adicionado aos sacos plásti-

cos prescinde de ser fértil, pois os nutrientes são disponibilizados pela irrigação. O material sólido adicionado serve apenas para os pés de morangos fixarem suas raízes. Entretanto, existem outros agricultores que se privam da utilização de substratos ou solo infértil, preferindo adicionar terra e produzir seu próprio composto com itens como serragem, esterco, pó de rocha e, em alguns casos, preparados biodinâmicos (Agricultor 22, Brodowski).

Alguns agricultores apontaram que receberam orientação de atores de órgãos de assistência técnica, secretarias de agricultura, organizações de pesquisa, certificadoras e de parceiros durante o período de transição. Esses agricultores revelaram que a assistência fornecida por esses órgãos diminuiu riscos e aumentou seus conhecimentos. Em contíguo à assistência externa, agricultores revelaram que também buscam por seus próprios meios as soluções para os problemas encontrados nas propriedades.

Outra técnica que vem sendo utilizada pelos agricultores é a irrigação com adubo proveniente de aves. A fertirrigação é uma técnica que foi inicialmente desenvolvida para a utilização de insumos químicos (NPK) ou biológicos na água de irrigação (Embrapa, 2007). Essa técnica pode ter sido adaptada pelos agricultores. Na linha da adequação de técnicas e no uso de insumos, há adaptação à pequena escala de tecnologias feitas para grandes estruturas. Um dos agricultores informou que alguns erros que foram cometidos anteriormente quando era agricultor convencional se repetiram agora enquanto agricultor orgânico, especialmente quanto ao uso de insumos.

Ó pra ti ver como a gente não aprende, a banana ela era lavada, colocado um produto, texa cloro, limpava

pra tirar os fungos e ela não apodrecia ali na ponta do cachinho ali, daí, certo dia, um produtor trouxe a banana sem lavar a banana [...] aquele dia “vamos fazer separado aí porque essa banana vai ser terrível”! Justamente essa banana dele não deu fungo não deu nada! Ficou perfeito, e aí eu disse, “olha só, não vamos mais lavar banana nenhuma, porque a banana, a própria banana ela mesma consegue” (Agricultor/a 2, Três Cachoeiras).

A revelar a heterogeneidade visualizada entre os agricultores, de modo oposto, outros agricultores novos rurais⁴, que tinham como atividade anterior uma atividade urbana, continuam usando produtos semelhantes para a higienização de bacias e lavatórios (agricultores 5, Ribeirão Preto, e 6, Campinas). Outros agricultores (14, Barão e 20, Curitiba), que comercializam em distintos mercados (redes varejistas e feiras) utilizam na venda direta a embalagem solicitada pela grande rede de supermercados. Essa embalagem é de plástico e isopor. Uma contradição, quando se observam princípios da agricultura orgânica. Entretanto, segundo o depoimento dos agricultores, isso permite que as hortaliças não murchem, revelando como os agricultores ajustam ou aderem às técnicas que lhes são repassadas de acordo com seus aprendizados e interesses.

A decisão de adquirir insumos ou tecnologias de fora da propriedade está relacionada com outros aspectos, como o engajamento à agricultura orgânica e a integralização da agricultura orgânica à propriedade rural. Por sua vez, a classificação

dos agricultores entrevistados de acordo com o seu engajamento na agricultura orgânica está intimamente conectado com a integralização da agricultura orgânica às propriedades rurais. Nota-se que todos os cinco agricultores que apresentam com mais intensidade as práticas do paradigma de substituição de insumos exibem engajamento mercantil à agricultura orgânica. Desse modo, pode-se inferir que a percepção da agricultura orgânica conforme o interesse econômico desencadeia uma integralização da agricultura orgânica às unidades produtivas de acordo com o paradigma da substituição de insumos.

Porém, se a dependência externa de insumos tem como uma das causas a evolução dos agroecossistemas e, portanto, o tempo desde que houve a certificação, o mesmo não ocorre para a decisão dos agricultores por sistemas de substituição de insumos ou redesenho de agroecossistemas. A adoção de práticas de um ou outro paradigma independe do período desde que ocorreu a certificação orgânica. Os agricultores identificados pelos números 3, 4, 6 e 9⁵ em sistemas de substituição de insumos são certificados há 10, 7, 17 e 10 anos, respectivamente. Sendo que os agricultores cujos números atribuídos são 8 e 11⁶ e que tiveram uma maior integralização da agricultura orgânica às propriedades estão ambos na atividade orgânica certificada há apenas um ano. Dados coletados em conversas informais demonstraram comportamento similar. Verificou-se que agricultores com período de certificação superior a

⁴ Novos rurais são tratados aqui como pessoas da cidade que passam a valorizar o rural. Segundo Giuliani (1990, p. 2) isto ocorre “quando as pessoas decidem não mais morar na cidade e não mais trabalhar em profissões urbanas, resolvendo se mudar para o campo e trabalhar na agricultura ou na criação de animais”.

⁵ Localizados em Santa Rosa de Lima, São José dos Pinhais, Campinas e Rio Branco do Sul, respectivamente.

⁶ Localizados em Ribeirão Preto e Sentinela do Sul.

20 anos (Agricultores 16 e 20) optam pela simplificação dos sistemas orgânicos, monocultivos orgânicos, apresentando alta dependência de insumos.

No que diz respeito à trajetória dos agricultores na agricultura orgânica, nota-se que mesmo a simplificação de práticas de manejo sendo identificada, é importante destacar que está conectada com redução na aplicação dos insumos, aprendizado, invenção e adoção de novas técnicas e práticas, criação de novas tecnologias, como a semeadura, de modo a evitar o raleio, e com o amadurecimento dos sistemas orgânicos. Por sua vez, a adoção de novas tecnologias, como o cultivo de morangos suspensos, tem como razão a obtenção de produtos de melhor qualidade (já que, nesse sistema, os frutos ficam suspensos no ar e não tocam a superfície do solo) e a facilitação do manejo para o agricultor.

A observação destas mudanças denota o fato de que, em sua grande maioria, a simplificação de práticas de manejo nas unidades produtivas não necessariamente caracteriza-se como convencionalização. A simplificação das práticas de manejo vincula-se com processos de aprendizagem dos agricultores e com o amadurecimento dos agroecossistemas. Nesse último caso, a ciclagem de nutrientes torna-se mais eficiente e aumenta a biodiversidade.

Por seu turno, o aumento da mecanização ao longo da trajetória na agricultura orgânica está aliado à expansão da área cultivada, ao aumento das rendas dos agricultores e à restrição no acesso à mão de obra. Essa restrição ocorre onde não há disponibilidade de mão de obra ou o seu custo é elevado. Ocorrendo em regiões próximas a grandes centros urbanos e industrializadas, como Curitiba e Campinas.

O aumento na área é uma das modificações do sistema produtivo congregada ao aumento da

demanda por produtos orgânicos. Ademais, acompanhando o aumento da área cultivada e a adição de atividades aos sistemas produtivos (agroindústrias) está a contratação de diaristas ou funcionários. Essa contratação ocorre onde há disponibilidade de mão de obra (Sentinela do Sul).

A variação no número de cultivos, expandindo-os, reduzindo-os ou rearranjando-os, é adjunta à demanda do mercado, aos canais de comercialização adotados, à cooperação entre os agricultores, à rentabilidade e à disponibilidade de mão de obra. Que são fatores que justificam as escolhas dos agricultores quanto aos cultivos que adotam. O aumento na produção, produtividade e a redução no uso de insumos é consequência da evolução dos sistemas orgânicos, agroecossistemas, como também foi mencionado acima.

Com relação a uma trajetória para a especialização produtiva, verificou-se que houve uma diminuição na diversidade de cultivos para dois agricultores entrevistados (1, Machado, e 2, Sentinela do Sul) e para pelo menos mais um agricultor consultado de modo informal (14, Barão). Essa diminuição no número de produtos que cada agricultor produz está relacionada com a participação dos agricultores em cooperativas ou outras organizações sociais que vendem a sua produção nos mesmos pontos de comercialização. Os agricultores fazem um planejamento em que é dividido, entre os agricultores, o que cada um irá cultivar. Essa diminuição no número de cultivos descaracteriza especialização produtiva, havendo uma redução na diversificação, mas não ao ponto dos agricultores tornarem-se especializados.

Percebe-se então que a trajetória dos agricultores na agricultura orgânica não é linear nem homogênea. Há uma grande diversidade de casos,

mesmo analisando um número pequeno de agricultores. Nem as interações das unidades de produção certificadas orgânicas com o mercado são constantes. Cada unidade apresenta a sua particularidade. Algumas são mais fortemente direcionadas por indicadores externos e pelo mercado. Descobriu-se que o direcionamento externo, no caso, o mercado, está relacionado com o engajamento por interesse na agricultura orgânica. Observa-se que, dos cinco agricultores que seguem uma lógica de atuação na agricultura orgânica de acordo com o interesse, quatro responderam que o mercado é fator determinante na escolha dos cultivos. O outro agricultor atua de maneira inversa, criando demanda para os produtos que até então tinham pouca oferta no mercado.

O escoamento da produção por canais longos de comercialização, como venda para o exterior e para agroindústrias, aumentando o número de intermediários entre produtores e consumidores finais, é um dos sinais da convencionalização. Entretanto, essa prática adotada pelos agricultores apresenta algumas ressalvas. Um dos agricultores que produz e exporta café mencionou que a maior parte da produção é destinada ao exterior (92%) porque o mercado interno absorve uma parcela pequena da quantidade produzida pela cooperativa em Machado, Sul de Minas Gerais. A comercialização para o mercado externo também é apontada como a saída que foi encontrada para o escoamento de parte da produção de arroz dos assentados da reforma agrária em Tapes. Os agricultores comercializariam em grandes redes varejistas em nível nacional, por exemplo, mas o acesso a esses pontos de comercialização é relatado como difícil. As características dos agricultores atreladas a este sinal da convencionalização são o volume produzido e o tempo desde a certificação orgânica. Essa última

característica está associada à organização social dos agricultores e à propagação de experiências em agricultura orgânica. O comércio externo acaba sendo o caminho encontrado para escoar a produção, sendo uma ação necessária para os agricultores.

Por outro lado, o escoamento da produção por meio de redes varejistas é inserido entre os sinais que denotam a convencionalização dos mercados de orgânicos porque o mercado convencional não respeita a sazonalidade da produção agrícola, exigindo contínuo abastecimento. Alguns agricultores optam por fornecer continuamente seus produtos adotando estratégias como compra de matéria-prima de outros fornecedores e regiões e até mesmo importando alguns ingredientes por apresentar qualidade superior ao nacional e auxiliar na padronização da oferta. Com a compra de matéria-prima, esses agricultores conseguem manter constante a oferta de seus produtos.

Por último, a conversão parcial das propriedades apresenta diferentes causas, como: o aumento dos custos com a certificação em caso de conversão total conciliado com a ausência de mercado para algumas das atividades da unidade produtiva (bovinocultura); irrelevância para a atividade que é certificada; localização da unidade produtiva (em centros urbanos – Ribeirão Preto, SP) e a existência de atividades não agrícolas realizadas na mesma unidade. Alguns agricultores, mesmo não certificando toda a propriedade, manejam a parte não certificada da mesma forma que a parte certificada. Outros, no entanto, manejam-nas de formas diferentes, usando, em alguns casos, insumos desautorizados pelas certificadas.

Ao fim desse item, após ter-se produzido uma análise que buscou interpretar os sinais de con-

vencionalização considerando a interdependência entre as variáveis, percebe-se que alguns dos sinais da convencionalização apontados no início deste item já não são propriamente sinais da convencionalização. Desse modo, destaca-se que os sinais da convencionalização dos mercados de orgânicos identificados entre os agricultores são os seguintes: especialização produtiva por opção com consequente dependência externa de insumos; engajamento à agricultura orgânica conforme o interesse econômico mercantil; integralização parcial da agricultura orgânica às propriedades (adoção do paradigma da substituição de insumos); assessoramento de técnicos de empresas produtoras de insumos para ambas as agriculturas, agroquímica e orgânica; escoamento da produção por meio de grandes redes varejistas e mercado internacional, quando há possibilidade de venda no mercado local/regional ou interno; e uso de insumos desautorizados pelas normas de certificação orgânicas em porções não certificadas das unidades de produção.

A partir desta identificação das variáveis que caracterizam a convencionalização, considera-se como agricultores convencionalizados os agricultores: 2, 3, 4, 5, 6, 9, 16, 17 e 20. Que se localizam nos seguintes municípios: Três Cachoeiras, Santa Rosa de Lima, São José dos Pinhais, Ribeirão Preto, Campinas, Rio Branco do Sul, Barra do Ribeiro, Capinzal e Curitiba, respectivamente.

5. Considerações finais

Neste artigo foi produzida uma análise dos sinais da convencionalização dos mercados de orgânicos identificados entre agricultores localizados na região meridional brasileira. Esta análise foi feita

abrangendo os condicionantes dos sinais da convencionalização apresentados pelos agricultores. Para isso, foram feitas coletas e geraram-se dados com agricultores e profissionais que prestam algum tipo de assistência técnica.

A partir desta análise abrangente acerca dos condicionantes da convencionalização, descobriu-se que alguns dos achados não eram propriamente sinais da convencionalização. Por exemplo, a venda para o comércio exterior é a forma preponderante de escoar a produção, até que o mercado interno esteja apto a absorver esta produção. Estes resultados corroboram o que foi apontado no início deste artigo acerca das conclusões impremeditadas acerca do grau de convencionalização apresentado pelos agricultores. Para ter-se conhecimento acerca dos reais sinais da convencionalização, é necessário analisar conjuntamente um número maior de variáveis e considerar a influência de aspectos do ambiente com o qual os agricultores estão constantemente interagindo.

No entanto, não se está dizendo que todos os sinais da convencionalização são condicionados por fatores externos às suas unidades produtivas ou são transitórios. Existem agricultores que optam por atuar na agricultura orgânica orientados por uma ideologia de mercado. Em que a natureza é um mero instrumento da produção. Este engajamento à agricultura orgânica condiciona uma determinada postura, como a opção pelo monocultivo ou a especialização produtiva. Neste caso, existe um pequeno conjunto de agricultores orgânicos que podem ser denominados de convencionalizados.

Percebe-se, então, que existem agricultores que apresentam algumas características da convencionalização dos mercados de orgânicos. Nota-se também que algumas destas características são distintas das mencionadas em bibliografias anteriores que se

debruçaram sobre o tema da convencionalização. Essa distinção remete a dois aspectos em principal. Primeiro, à inclusão de outras variáveis que tiveram como intenção esboçar um provável processo de transição no sistema agroalimentar. Segundo, à análise dos processos de convencionalização entre os agricultores por meio de múltiplas variáveis. A análise conforme esse último aspecto possibilitou encontrar verdadeiros sinais da convencionalização que não estavam claros no início da investigação, como é o caso do uso de insumos desautorizados pelas normas de certificação orgânica em porções não certificadas das unidades produtivas.

Conforme esta abordagem, percebe-se que são poucos os agricultores que apresentam sinais da convencionalização. A grande maioria acaba apresentando sinais da convencionalização devido às características atuais dos mercados de orgânicos. Por isso, deve-se tomar cuidado em produzir-se análises sobre este processo, pois a atividade agrícola orgânica é uma das opções mais viáveis da atualidade para os agricultores. Então, para compreender a dinâmica das unidades produtivas, é salutar analisá-las tendo em consideração as opções que os mercados de orgânicos possibilitam aos agricultores.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer ao apoio financeiro fornecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à todas as pessoas que contribuíram na produção deste artigo, direta e indiretamente, especialmente aos revisores da revista, que fizeram comentários e sugestões que vieram a melhorar o artigo.

Referências

- Almeida, G.; Abreu, L. Estratégias produtivas e aplicação de princípios da agroecologia: o caso dos agricultores familiares de base ecológica da cooperativa dos agropecuaristas solidários de Itápolis – COAGROSOL. *Revista de Economia Agrícola*, 56(1), 37-53, 2009. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/576716/estrategias-produtivas-e-aplicacao-de-principios-da-agroecologia-o-caso-dos-agricultores-familiares-de-base-ecologica-da-cooperativa-dos-agropecuaristas-solidarios-de-itapolis---coagrosol>
- Altieri, M.; Nicholls, C. Agroecologia: resgatando a agricultura orgânica a partir de um modelo industrial de produção e distribuição. *Agroecologia*, 27, 141-152, 2003. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/21265>
- Angrosino, M. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- Bastian, L.; Waquil, P. *As transformações dos mercados de orgânicos na região meridional brasileira*. Porto Alegre: Obema; UFRGS, 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/obema/797-2/>
- Best, H. Organic Agriculture and the Conventionalization Hypothesis: a case study from West Germany. *Agriculture and Human Values*, 25, 95-106, 2008. doi: 10.1007/s10460-007-9073-1
- Brandenburg, A. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 6, 11-28, 2002. doi: 10.5380/dma.v6i0.22125
- Buck, D.; Getz, C.; Guthman, J. From farm to table: the organic vegetable commodity chain of northern California. *Sociologia Ruralis*, 37, 3–20, 1997. doi: 10.1111/1467-9523.00033
- Candiottto, L.; Meira, S. Agricultura orgânica: uma proposta de diferenciação entre estabelecimentos rurais. *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária*, 9(19), 149-176, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/26083/15520>
- Caporal, F.; Costabeber, J. *Agroecologia: alguns conceitos*

- e princípios, 2004. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitose-principios.pdf>>. Acesso em: abr. 2020.
- Coombes, B.; Campbell, H. Dependent reproduction of alternative modes of agriculture: organic farming in New Zealand. *Sociologia Ruralis*, 38(2), 127-145, 1998. doi: 10.1111/1467-9523.00068
- Darnhofer, I. Organic Farming between Professionalisation and Conventionalisation: The need for a more discerning view of farmer practices. In: *Anais do European Joint Organic Congress*. Odense, Denmark, 30 e 31 de maio, 2006. Disponível em: <http://orprints.org/7390/>
- Darnhofer, I.; Lindenthal, T.; Bartel-Kratochvil, R.; Zolitsch, W. Conventionalisation of organic farming practices: from structural criteria towards an assessment based on organic principles. A review. *Agronomy For Sustainable Development*, 30, 69-81, 2009. doi: 10.1051/agro/2009011
- Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Revisão de Literatura*, 2007. Disponível em: <http://www.cnpt.embrapa.br/biblio/bp/p_bp50_4.htm>. Acesso em: abr. 2020.
- Gil, A. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas S.A., 2011.
- Giuliani, G. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 5(14), 55-68, 1990. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_14/rbcs14_05.htm
- Guthman, J. The trouble with ‘organic lite’ in California: a rejoinder to the ‘conventionalisation’ debate. *Sociologia Ruralis*, 44, 301-316, 2004. doi: 10.1111/j.1467-9523.2004.00277.x
- Hall, A.; Mogyoroby, V. Organic farming in Ontario: an examination of the conventionalization argument. *Sociologia Ruralis*, 41, 399-422, 2001. doi: 10.1111/1467-9523.00191
- IFOAM – International Federation of Organic Agriculture Movement. *Princípios da agricultura biológica*: preâmbulo. Boon: IFOAM head office, 2005. Disponível em: http://www.ifoam.bio/sites/default/files/poa_portuguese_web.pdf
- Idec – Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. *Quer pagar quanto?*, 2010. Disponível em: <http://www.idec.org.br/uploads/revistas_materias/pdfs/2010-04-ed142-ca-pa-organicos1.pdf>. Acesso em: abr. 2020.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2006*, 2006. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=CA&z=t&o=11>>. Acesso em: abr. 2020.
- Jandrey, W.; Schultz, G.; Souza, M. Canais de comercialização e sua relação com a diversificação ou especialização em sistemas orgânicos de produção familiares na região da serra gaúcha. In: *Anais do Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Santa Maria, 30 jul. a 3 ago., 2017. Disponível em: <http://icongresso.itarget.com.br/useradm/anais/?clt=ser.7&lng=P>
- Lamine, C.; Bellon, S. Conversion to organic farming: a multidimensional research object at the crossroads of agriculture and social sciences. A review. *Agronomy for Sustainable Development*, 29, 97-112, 2009. doi: 10.1051/agro:2008007
- MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Número de produtores orgânicos cresce 51% em um ano*, 2015. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2015/03/numero-de-produtores-organicos-cresce-51porcento-em-um-ano>>. Acesso em: nov. 2015.
- MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos*. 2019. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>>. Acesso em: abr. 2019.
- Niederle, P. Política de valor nos mercados alimentares: movimentos sociais econômicos e a reconstrução das trajetórias sociais dos alimentos agroecológicos. *Século XXI: Revista de Ciências Sociais*, 4, 162-189, 2014. doi: 10.5902/2236672515648
- Niederle, P. A.; Almeida, L. A nova arquitetura dos mercados para produtos orgânicos: o debate da convencionalização. In: Niederle, P. A.; Almeida, L.; Vezzani, F. M. (Orgs.). *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba: Kairós, p. 23-68, 2013. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2013/07/AGROECOLOGIA-praticas-mercados-e-politicas.pdf>

-
- Oelofse, M.; Høgh-Jensen, H.; Abreu, L. S. de; Almeida, G. F.; El-Araby, A.; Hui, Q. Y.; Sultan, T.; Neergaard, A. de. Organic farm conventionalisation and farm practices in China, Brazil and Egypt. *Agronomy for Sustainable Development*, 31(4), 589-698, 2011. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/901523/organic-farm-conventionalisation-and-farmer-practices-in-china-brazil-and-egypt>
- Parra Filho, A. C. M.; Norder, L. A. C.; Jovchelevich, P.; Kinjo, S. A convencionalização na produção de sementes na agricultura orgânica brasileira. *RESR*, 56(4), 565-582, 2018. doi: 10.1590/1234-56781806-94790560402
- Ramos, P.; Storel, A. O açúcar e as transformações nos regimes alimentares. *Cadernos de Debate*, 8, 36-54, 2001. doi: 10.1590/1234-56781806-94790560402
- Rover, O.; Lampa, F. Rede Ecovida de agroecologia: articulando trocas mercantis com mecanismos de reciprocidade. *Agriculturas*, 10, 22-25, jun. 2013. Disponível em: <http://aspta.org.br/revista/v10-n2-construcao-social-dos-mercados/rede-ecovida-de-agroecologia-articulando-trocas-mercantis-com-mecanismos-de-reciprocidade>
- Tovar, L.; Martin, L.; Cruz, M. A. G.; Mutersbaugh, T. Certified organic Agriculture in Mexico: market connections and certification practices in large and small producers. *Journal of Rural Studies*, 21, 461-474, 2005. doi: 10.1016/j.jrurstud.2005.10.002
- Viegas, M.; Rover, O.; Medeiros, M. Circuitos (não tão) curtos de comercialização e a promoção de princípios agroecológicos: um estudo de caso na região da grande Florianópolis. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 42, 370-384, dez. 2017. doi: 10.5380/dma.v42i0.50759
- Wit, J.; Verhoog, H. Organic values and the conventionalization of organic agriculture. *NJAS*, 54, 449-462, 2007. doi: 10.1016/S1573-5214(07)80015-7